

As Poesias Americanas, de Bernardo Taveira Júnior

Carlos Alexandre Baumgarten

O autor e sua obra

Bernardo Taveira Júnior, filho de Bernardo Taveira e de Gertrudes Maria de Melo Taveira, nasceu a 5 de junho de 1836, na cidade de Rio Grande (RS), e faleceu em Pelotas (RS), a 19 de setembro de 1892.

Taveira Júnior realizou seus estudos preparatórios em sua cidade natal, transferindo-se, mais tarde (1854), para São Paulo com o objetivo de ingressar na Faculdade de Direito. Por questões de ordem econômica, não concluiu o curso e retornou a Rio Grande, onde trabalhou no comércio. No período compreendido entre os anos de 1857 e 1862, dedicou-se ao magistério, na cidade de Pelotas, para onde se transferira, ministrando aulas particulares de Português, Latim, Inglês e História. Entre 1863 e 1865, radicou-se em São Gabriel (RS), quando então foi diretor de escola. Em 1866, retornou definitivamente a Pelotas onde deu continuidade a sua atividade de professor e desenvolveu intensa atividade cultural, encenando peças teatrais de sua autoria e publicando regularmente na imprensa local.

Republicano e abolicionista, Taveira Júnior divulgava suas idéias através da imprensa, principalmente em periódicos das cidades de Rio Grande e Pelotas. Nesse sentido, inúmeros são os textos que publicou na *Arcádia*,¹ de Rio Grande, *Diário de Pelotas*,

¹ A *Arcádia*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, circulou de meados de 1867 a meados de 1870, com tiragem às segundas-feiras. As três primeiras séries foram editadas na cidade de Rio Grande (RS), sendo a quarta e última série editada em Pelotas, para onde se havia transferido seu proprietário, o português Antônio Joa-

Progresso Literário e Jornal do Comércio, todos de Pelotas. Membro do Partenon Literário, sociedade de decisiva atuação no período de formação da literatura sul-rio-grandense, freqüentou igualmente as páginas da *Revista Mensal do Partenon Literário*, de Porto Alegre.

Professor e jornalista, Taveira Júnior atuou também como crítico e tradutor. Na primeira atividade, foi um dos pioneiros no Rio Grande do Sul, quando publicou, na *Arcádia*, "Reflexões sobre a literatura rio-grandense"² e "Mulher e mãe",³ respectivamente de 1869 e 1870. Como tradutor, realizou a tradução de textos de Alexandre Dumas, de Malot, de Schiller e dos românticos alemães que reuniu em *Poesias alemãs*, publicação que mereceu duas edições: a primeira, de 1875, vem prefaciada por Carlos von Koseritz; a Segunda, de 1884, revista e aumentada pelo Autor.

A estréia de Taveira Júnior em livro ocorreu, em 1869, com a publicação de *Poesias americanas*, livro composto por dez poemas indianistas, onde se evidencia a influência da primeira geração romântica brasileira.

Em 1886, o poeta Taveira Júnior divulgou as suas *Provincianas*,⁴ livro em que reuniu dezoito poemas sobre a vida campeira do homem do Sul. Primeira obra da literatura sul-rio-grandense a apresentar unidade em torno dos temas gaúchos, é ela a responsável pelo lugar de destaque ocupado pelo Autor no âmbito da literatura regional, fazendo dele um dos pioneiros no cultivo da poesia gaúchesca no Rio Grande.

Da bibliografia de Bernardo Taveira Júnior constam:

quim Dias. Essencialmente voltada aos estudos literários e históricos, a *Arcádia* abrigou em suas páginas os principais nomes da intelectualidade sulina que, logo após, fundariam a Sociedade do Partenon Literário, em Porto Alegre. Entre eles, destacam-se Apolinário Porto Alegre, Aquiles Porto Alegre, Aurélio de Bittencourt, Hilário Ribeiro e Bernardo Taveira Júnior.

² TAVEIRA Jr., Bernardo. Reflexões sobre a literatura rio-grandense. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul*. Do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997. p. 220-222.

³ TAVEIRA Jr., Bernardo. Mulher e mãe. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul*. Do Romantismo ao Modernismo. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997. p. 223-225.

⁴ As *Provincianas* foram publicadas, originalmente, pela Livraria Evangélica, da cidade de Rio Grande (RS), no ano de 1886. Em 1986, em trabalho realizado pelo Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, mereceram nova edição a cargo da Editora Movimento, de Porto Alegre, e do Instituto Nacional do Livro, de Brasília.

Poesia

Poesias americanas. Rio Grande: Tip. da Arcádia, 1869.

Poesias alemãs (1ª ed.). Pref. De Carlos von Koseritz. Porto Alegre: Tip. do Deutsche Zeitung, 1875.

Poesias alemãs (2ª ed.). Porto Alegre: Gundlach & Cia., 1884. Edição revista e aumentada pelo Autor.

Primus inter pares. Poemeto dedicado à memória de Alexandre Herculano. Pelotas: Tip. do Diário de Pelotas, 1877.

Provincianas. Rio Grande: Livraria Evangélica, 1886.

Teatro

O guarda-livros. Drama. Estreado em Pelotas, em 1865.

O voluntário. Cena dramática. Pelotas, 1869.

O anjo da solidão. Cena dramática. Pelotas, 1870.

O heroísmo feminino ou a Joana D'Arc brasileira. Cena dramática. Pelotas, 1870.

Coração e dever. Drama. Pelotas, 1872.

Paulo. Drama. Publicado em folhetim no *Jornal do Comércio*. Pelotas, 1874.

Clara Camarão. Drama histórico. Estreado no Rio de Janeiro, em 1880.

Soberba. Drama. s.d.

Virtude. Drama. s.d.

Celina e Luísa. Drama. s.d.

A atriz. Drama. s.d.

O usuário ou a transformação de um homem. Drama. s.d.

Crítica

Reflexões sobre a literatura rio-grandense. Pelotas, *Arcádia*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico. 4ª série. 1869. p. 9-10.

Mulher e mãe. Pelotas, *Arcádia*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico. 4ª série. 1870. p. 219-220.

Traduções

Memórias de José Garibaldi (1ª parte), de Alexandre Dumas, 1864.

A falta de uma mãe, de Malot. Em folhetim do jornal *A Pátria*, Pelotas, 1873.

O novo jogador. Drama de Schiller. Estreado em Pelotas, em 1868.

Intriga de amor. Drama de Schiller. Estreado em Pelotas, em 1877.

Guilherme Tell. Drama de Schiller. Publicado no jornal *Progresso Literário*, Pelotas, 1878.

Taveira Júnior publicou, ainda, inúmeros poemas em jornais e revistas da época, como *Arcádia* (Rio Grande), *O Tempo* (Rio Grande), *Jornal do Comércio* (Pelotas), *Progresso Literário* (Pelotas) e *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* (Porto Alegre), entre outros.

Poesias americanas

O Romantismo, no Rio Grande do Sul, só assumiu a condição de escola literária através do trabalho desenvolvido pelos intelectuais reunidos em torno da Sociedade do Partenon Literário. Através da *Revista Mensal*, que a Sociedade fez publicar e circular no Estado entre os anos de 1869 e 1879, com algumas interrupções, o grupo conferiu unidade ao processo literário regional, até então marcado por manifestações esparsas e isoladas. Expressão do Romantismo, quando este já esmorecia no centro do País, a Sociedade do Partenon Literário encampou o ideário romântico e, nesse sentido, estabeleceu o debate sobre a questão da nacionalidade da literatura brasileira e, como consequência, a ênfase nos temas então entendidos como nacionais.

A tentativa da escrita de uma literatura nacional, levada a cabo pioneiramente pelos românticos brasileiros, repercute na produção literária dos escritores sul-rio-grandenses em atuação no Estado no período compreendido entre as décadas de 60 e 80 do século XIX. O Indianismo, uma das primeiras fases do Romantismo brasileiro, encontrou no Rio Grande representantes tardios, como Apolinário Porto Alegre e, sobretudo, Bernardo Taveira Júnior.

Integrante do grupo do Partenon Literário, sendo sócio correspondente da Sociedade, Taveira Júnior produziu uma obra fortemente marcada pela poética romântica e, sobretudo, inspirada naquela concebida pelos principais autores românticos brasileiros. A sua estréia em livro ocorreu com a publicação de *Poesias americanas*, conjunto de dez poemas indianistas que foram igualmente divulgados nas páginas da *Arcádia* entre os anos de 1867 e 1870. Única obra sul-rio-grandense a mostrar unidade em torno dos temas indianistas, as *Poesias americanas* denunciam uma clara influência de Gonçalves Dias, quer na dicção assumida pelos versos, quer nos títulos a eles conferidos. *Visões*, o texto de abertura do livro, já aponta nessa direção, uma vez que se abre com uma epígrafe – Falam deuses nos cantos do Piaga – retirada da primeira estrofe de *O canto do piaga*, presente nos *Primeiros cantos* do poeta maranhense.

A leitura de *Poesias americanas* revela que, a exemplo dos primeiros românticos brasileiros, Taveira Júnior promove a idealização do índio e de suas lendas. No poema *Uiara*, por ele grafado *Ayuara*, o poeta canta a mãe das águas, como já o havia feito Gonçalves Dias em *A mãe- d'água*⁵. Em ambos, a figura da sereia surge bela, alva e cabelos cor de ouro:

[...]
Eis, súbito, uma angélica harmonia
Das águas cintilantes vem subindo,
Até que finalmente se difunde
Pela doce amplitude ao lume d'água...
Oh! Maravilha em sonhos não sonhada!
[...]
Da fronte alabastrina, em fios de ouro
Pelo colo mimoso lhe deslizam
Sutilmente os finíssimos cabelos.

Igual procedimento pode ser encontrado no texto *O Membira*, através do qual exalta a figura do índio, louvando suas qualidades na guerra e sua luta para permanecer livre do jugo do colonizador. Inspirando-se no *Canto do guerreiro*⁶, de Gonçalves Dias, o poeta gaúcho vale-se inclusive do mesmo metro encontrado na composição do maranhense:

Teu pai já não vive,
Querido Membira!
Da tribo Timbira
foi bravo e temido;
[...]
Adeus, ó meu filho!...
Recorda a memória
Que brilha com glória
Nas armas que dou-te
De um nobre Timbira!
Teu pai foi um bravo,
Jamais foi escravo...
Adeus, ó Membira!

⁵ *Minha mãe, olha aqui dentro, / Olha a bela criatura, / Que dentro d'água se vê! / São d'ouro os longos cabelos, / Gentil a doce figura, / Airosa, leve a estatura; / Olha, vê no fundo d'água / Que bela moça não é!* In: DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 398.

⁶ *Aqui na floresta / Dos ventos batida, / Façanhas de bravos / Não geram escravos, / Que estimem a via / Sem guerra e lidar. / - Ouvi-me, Guerreiros. / - Ouvi meu cantar.* In: DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 106.

O mesmo modelo seguem os demais textos publicados nas *Poesias americanas*, em que até os títulos escolhidos revelam a presença da poesia gonçalvina, como em *Cunhambebe*, *O canto das amazzonas*, *O aimoré*, *O caiapó*, *O guarani*, *Jaci*, entre outros. Tais aspectos levaram Guilhermino Cesar a afirmar que *a influência do maranhense é ali perturbadora, tanto no metro como na maneira de apreciar a bondade natural e o heroísmo do índio.*⁷

Os textos presentes nas *Poesias americanas* vêm acompanhados de notas de rodapé, às vezes extensas, que explicam a origem e o significado dos vocábulos indígenas empregados. Além disso, essas mesmas notas denunciam um Taveira Júnior leitor dos principais historiadores e críticos do Romantismo, como Varnhagen e Pinheiro Chagas, e um admirador confesso de Gonçalves Dias quando declara que *Com o título de - Mãe d'água - Gonçalves Dias, o primeiro lírico brasileiro, escreveu um primor de arte.*

As *Poesias americanas*, a despeito de seu caráter tardio e da influência perturbadora de Gonçalves Dias anotada por Guilhermino Cesar, são duplamente significativas do ponto de vista da história literária regional: de um lado, são um documento comprobatório do esforço desenvolvido pela intelectualidade sulina no sentido de se integrar cultural e literariamente no movimento em prol da construção de uma literatura brasileira autônoma, deflagrada no centro do País a partir da independência política; de outro, se constituem no único exemplo de obra poética indianista produzida no Rio Grande da segunda metade do século XIX. Nesse sentido, sua reedição se vê plenamente justificada, uma vez que coloca à disposição dos pesquisadores material pouco conhecido e relevante quando considerado à luz dos estudos de historiografia literária.

Bibliografia sobre o autor

- BAUMGARTEN, Carlos. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul: 1868 a 1880*. Porto Alegre: EST, 1982.
- . *A crítica literária no Rio Grande do Sul. Do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- . *A vida literária no Rio Grande do Sul*. In: PRADO, Aurea et al. *Rio Grande do Sul, terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1964.

⁷ CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 192.

- . *Para o estudo do conto gauchesco*. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 13 jan. 1973. *Caderno de Sábado*, n. 255, p. 3.
- . *O conto gauchesco*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre 18 (3):93-121, set. 1985.
- HESSEL, Lothar et al. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: Flama/IEL/SEC, 1976.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.
- RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Bernardo Taveira Júnior. *Província de São Pedro*. Porto Alegre: Globo, (6):78-94, dez. 1946.
- SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.
- TEIXEIRA, Múcio. *Os gaúchos*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920-21. v. 1 e 2.
- VILLAS-BÓAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*. Porto Alegre: A Nação/IEL/SEC, 1974.
- ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- . ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- et al. *O Partenon Literário, Poesia e prosa*. Porto Alegre: EST/ICP, 1980.

Sobre esta edição

Em 1869, foi publicada em Rio Grande (RS) pela Tipografia da Arcádia, a 1ª edição de *Poesias americanas*, de Bernardo Taveira Júnior. Para esta 2ª edição, tomou-se como referência exemplar da primeira existente na Biblioteca Rio-Grandense, da cidade de Rio Grande. Os poemas, além de confrontados com os publicados nas páginas da *Arcádia*, entre os anos de 1867 e 1880, foram submetidos à atualização ortográfica. Idêntico procedimento foi observado para o texto prefacial do Autor, intitulado "Aos leitores", como também para as notas de rodapé.

POESIAS AMERICANAS

BERNARDO TAVEIRA JÚNIOR

ÍNDICE

Aos leitores.....	135
Visões.....	136
Cunhambebe.....	142
O canto das amazonas.....	144
Ayuara.....	147
O membira.....	151
O guarani.....	154
O aimoré.....	155
O canto do caiapó.....	156
Jaci.....	158
Sete de setembro.....	165

AOS LEITORES

Não tencionava publicar, em separado, esta pequena coleção de poesias *americanas*. Fazia ela parte de um volume, que intitulei – *Primícias poéticas* – e que até hoje tem vivido à espera de um editor.

O editor é o ente mais exigente e incrédulo ao mesmo tempo, que Deus tenha lançado ao mundo. Um editor!... Esta palavra faz lembrar o grandioso poema de Milton vendido a um Thompson, por trinta pistolas, ainda com a condição de lhe ser paga metade desta quantia à vista, e a outra metade, caso a obra tivesse segunda edição. Faz lembrar Thiers, que para publicar a sua monumental – *História da Revolução Francesa* – teve de associar o seu nome a um certo Felix Bodin, que o *Constitucional*, num elogio, constituíra em autoridade histórica... Thiers porém está hoje gloriosamente vingado do editor, que, naturalmente, era seu compatriota. Faz lembrar ainda o sublime Lamartine, que só conseguiu publicar os seus primeiros versos, depois dos 27 anos de idade.

Enfim a palavra – editor – faz lembrar tanta cousa, que melhor fora esquecê-la, se algum meio houvesse para isso.

É o editor, portanto, o maior pesadelo dos neófitos da literatura. Na dificuldade de achar um para os meus ensaios poéticos, esperava que a sorte me facilitasse os meios de, por mim próprio, editar as pobres flores de minha imaginação.

Do que tenho lido sobre editores, apenas encontrei um de exemplaríssima consciência. Foi Miller, honrado livreiro de Londres, que dera duzentas libras pelo manuscrito do romance *Tom Jones* de Fielding. Este editor, auferindo grandes lucros da publicação daquele romance, foi pouco a pouco, a título de presentes, brindando Fielding, chegando o valor das dádivas a oito contos de réis.

Há dias porém tive uma verdadeira surpresa. O Sr. Antonio Joaquim Dias, – o incansável proprietário da *Arcádia*, veio tornar-me mais brando para com a classe dos editores; ofereceu-me para publicar a coleção das *americanas*. Na verdade, é este um fato que comemoro como fenomenal no mundo da literatura rio-grandense.

Devem os leitores compreender que prontamente acedi ao lisonjeiro pedido e oferecimento daquele senhor.

Ao Sr. Dias os meus votos de gratidão.

Que direi eu agora das minhas poesias *americanas*? – Nada.

Sobre elas peço a Deus somente uma cousa – é que livre-me Ele das garras dos Zoilos e Aristarcos, e que me propicie uma crítica ilustrada.

Se é muito o que aspiro, aos leitores, desde já, peço mil perdões por tal aspiração.

Pelotas, 1 de novembro de 1869.

Bernardo Taveira Júnior

VISÕES

Falam deuses nos cantos do Piaga.
(Gonçalves Dias)

I

Jaz toda a imensa taba¹ em alvoroço.
Foi levantada ali por descendentes
Da raça dos Tupis – pujante e forte,
E são todos Tupis, que nela habitam.
Guerreira tribo de briosos feitos,
Altiva o ar sereno respirando
Da santa liberdade em terra livre;
De heróicas tradições – herdeira ilustre,
Revendendo em cada louro um pátrio orgulho; –
À sombra das palmeiras seculares
Mil cânticos erguia aos seus penates;
E, dos bravos avós sempre lembrados,
Nos filhos a coragem acendia,
Narrando-lhes as suas gentilezas.

¹ A taba dos índios consistia ordinariamente em abarracamentos chamados ocas, feitos de pau e barro, e cobertos em forma convexa de folhas de bussu ou de pindoba. Estas ocas, quase sempre em forma pentagonal, eram dispostas deixando no centro uma área, que denominavam o cara. Havia taba em que podiam morar duzentas pessoas. Se a taba era próxima de inimigos, cingiam-na de uma cerca, que chamavam caiçara, fabricada de tabocas e espinheiros, além dos fojos estrepados em redor da esplanada.

Tinha sido na taba anunciado,
Que os Piagas,² deixando os tujupares,
Para ali os seus passos dirigiam.
Expandia-se o júbilo em cada rosto.
Na juventude os velhos se reviam,
Saudosos do passado praticando;
Os moços pelo gesto, olhar, e tudo,
Mostravam quanto os prende a novidade;
E, pelo solo, as ledas criancinhas
Ruidavam a folgar, soltando os gritos
Com que traduz a infância as alegrias.
Ali todos inquietos palpitavam,
Ardiam, suspirando pela festa.

Já nos crânios o trêmulo acanguape,³
Vistoso flutuava à doce brisa;
Como tit'los de glória nos combates,
Pendentes do pescoço, os mais distintos,
Aiucarás traziam venerandos,
E da cinta em redor também se viam
Os enduapes⁴ de matiz formoso.
Nos pés, da cascavel que o guizo imita,
Das axorcas ouvia-se o tinido;
Pelo rubro urucu, segundo a usança,
E pela sapucaia, mascarados,
Horrendos no semblante se mostravam.

Na taba era um contínuo movimento,
Saíam uns, e logo entravam outros;
Qual ia descobrir azafamado
O caminho por onde os seus Piagas
Soíam percorrer, quando ali vinham;
Qual ia do terreiro verdejante
Reconstruir os fojos estrepados,
Que a ridente esplanada circundavam.

² Fajés, Piagas ou Piachés eram uma espécie de bonzos ou feiticeiros a quem os pobres índios prestavam a maior obediência. Viviam em brenhas, longe dos aldeamentos, que iam visitar de tempo em tempo. Embusteavam ter comunicações, em noites escuras, com espíritos diabólicos. Quando eles se propunham visitar as tabas, limpavam-lhes o caminho por onde tinham de passar, e preparavam-lhes grandes festas. Os desgraçados índios, que não possuíam tradições próprias, tinham-nos como sacerdotes, médicos, físicos, etc. Adoravam-nos finalmente.

³ Acanguapes eram cocares de penas amarelas e vermelhas que usavam em ocasiões solenes.

⁴ Consistia o enduape numa tanga feita de plumas diversas, que lhes pendia da cintura, pela banda posterior.

De penas de guará entopetados
Bem lindos maracás⁵ estridulavam
Ao rataplã dos velhos compassado,
Facetas poracés⁶ reanimando.
Moreninhas gentis, formosas virgens,
Adornadas de contas e colares,
Folgavam a sorrir que nem florinhas
Pela aragem serena balouçadas.

Nas entonadas ânforas de barro
Refervia o cauim febricitante,
Que nos haustos ardentes acendia
Ruidosos vivos no estrondar da festa.

Não faltavam também as canjoeiras,⁷
Em que do fumo, em ondas vaporosas,
Serviam o tabaco, enlanguescendo.

Já pronto estava tudo para a festa
Pelos bravos Tupis oferecida
Aos divinos Pajés, que não tardavam.

II

A passo lento, das profundas brenhas
Lá vinham os Pajés,
Em direção da taba, que ensaiava
As suas poracés.

No modo, no semblante, e no aspecto
Assombro denotavam!
Desta vez, maus agouros parecia
Que o passo lhes tardavam!

Não vinham como outrora alegremente
Às festas assistir;
Do imenso Tupã em sacros hinos
A glória referir.

⁵ Era o maracá uma espécie de cabaça cheia de pedrinhas, enfiada na ponta de um pau, e ornada de penas de guará. Fazia ruído quando o chocalhavam, e servia para anunciar qualquer festividade.

⁶ Poracés eram as danças que celebravam por ocasião das festas religiosas e sacrifícios, acompanhados de copiosas libações de bebidas fermentadas, que acabavam sempre em completa embriaguez.

⁷ Davam alguns índios o nome de canjoeira ao cachimbo ou charuto de que usavam; consistia este em um canudo de palma cheio de folhas de tabaco.

Ei-los, cada vez mais no triste vulto
Anunciando azares!
Ei-los alfim, da tribo valorosa
Transpondo já os lares!

No anseio jubiloso que lacrava
Na vasta habitação,
Os incautos não viram dos Piagas
A funesta expressão.

Ruidosa salva reboou nos ares!
Soaram os tambores,
Os plúmeos maracás e os guerreiros
Borés⁸ estrugidores!

Mas um frio pavor eis que de súbito,
Invade a multidão;
Notaram nos Piagas venerandos
Tremenda apreensão!

A tristeza que deles transpirava –
No rosto era mortal!
Quem logo os contemplasse, logo vira –
Que tudo era fatal!

Ao centro do terreiro pentagônico
O mais velho avançou.
E, a destra estendendo para a turba,
Foi assim que falou:

“Silêncio, guerreiros!
Calai vossas festas!
Visões implacáveis
Predizem – infestas
Horrível desgraça!
Oh tribo Tupi,
Calai vossas festas! –
Guerreiros, – ouvi!”

III

Se o rúbido Tupã baixasse iroso,
Na taba estragos, mortes produzindo,
Tanto assombro aos Tupis não incutira,
Qual o canto do Piaga o ar ferindo.

⁸ O boré era um instrumento guerreiro feito de bambu, e produzia um som estridente.

Dês do mais velho ao mais gentil infante,
De súbito, o alvoroço ali cessou;
Por terra os maracás plúmeos caíram,
E o tambor, e o boré não mais soou.

Nos místicos Pajés co'os olhos fitos,
Quais deuses pareciam contemplá-los!
D'Anhangá⁹ pressentindo horríveis casos,
Tremiam mesmo antes d'escutá-los!

IV

"Oh valentes Tupis denodados,
É chegado o momento fatal!
Vossos campos, mulheres e filhos
Vão ser presa do gênio do mal.

Negros monstros dos mares extensos
Nestas praias virão abicar;
Anhangá suas asas soprando,
Vossos lares jurou devassar!

Dos primeiros a esteira seguindo
Aos milhares aqui hão de vir;
Trazem armas consigo temíveis,
Vibram raios de fero luzir.

Vossas tabas serão destruídas,
Vossos bravos cativos serão;
E se aos monstros alguns escaparem,
Só nos matos abrigos terão.

Insultados serão vossos deuses,
E lançados por terra – no chão;
E os Piagas também, oh desgraça!
Suas glórias manchadas verão.

Ai! tremei, ó Tupis malfadados,
Que é chegado o momento fatal!
Vossos campos, mulheres e filhas
Vão ser presa do gênio do mal!"

V

– "Foi assim, ó guerreiros valentes,
Que no sonho as visões nos falaram;
Foi assim, foi assim, ó guerreiros,
Que os Piagas tremendo acordaram! –

Aos fiéis manitôs¹⁰ abraçados
Nossas brenhas deixamos – assim;
E dos montes trepando os horrores
Para o céu atentamos – enfim.

Pela imagem da pálida lua
Volitavam funestas visões!
E as estrelas, no seio das trevas,
Cintilavam funéreos clarões!

O arbusto, a floresta e o bosque
Ululavam, gemiam de dor;
E os berros fatais da coruja
Infundiam nas trevas pavor!

Contra nós Anhangá conspirado
Mil fantasmas nos fez entrever...
Parecia que vinham sedentos
Com grilhões nossos pulsos prender!

Ó guerreiros, calai vossas festas,
Esses cantos de alegre folgar!
Aprestai arcos, flechas, tacapes,¹¹
Que os imigos não podem tardar!

Do heroísmo de vossos maiores
Recordai-vos, ó nobres Tupis;
Os que tremem aos gritos de guerra –
São escravos, cobardes e vis.

Quando – Alarma! – soar estridente,
E os valentes aos prélios chamar –
Voem setas, que possam raivosas
Aos contrários mil mortes levar.

⁹ Anhangá era a denominação do espírito do mal, o ente oposto à divindade propícia.

¹⁰ Por manitôs designavam os deuses domésticos.

¹¹ Tacape era uma espécie de espada ou maça de pau muito rijo, que levavam dependurada ao pescoço ao lado das costas e da qual se serviam nos combates.

Livres filhos das selvas, coragem!
Cumpra agora somente lutar;
Os Piagas nos seus tujupares
Vossos deuses irão invocar.

Guerra, guerra aos sedentos inimigos!
Guerra, guerra ao feroz Anhangá!
Pela pátria pelejam com glória
Os guerreiros do grande Tupã.”

VI

E a tribo guerreira os Piagas ouvindo,
Seu grito de guerra terrível soltou!
E – guerra – fremente rugindo no espaço,
Por serras e vales e montes troou!

CUNHAMBEBE¹

Aqui nestas praias que bordam os mares,
Domino – sou rei – sou monarca temido;
Aqui nestas terras de lindos palmares,
Ninguém viu-me ainda n’arena – vencido.

Mil palmas, mil louros, mil tit’los de glória –
São prêmios sublimes que um bravo recebe;
Quem mais os merece nas folhas da história,
Do que eu, q’sou bravo – q’sou Cunhambebe!

Meu nome retumba nos vales e serras,
Nas praias, nos mares – ao sul e ao norte;
Os Morubixabas me temem nas guerras,
Nas guerras se curvam, pensando na morte.

De dez mil cativos, nas luta vencidos,
As carnes eu tenho, sorrindo, trincado!
Contanto que eu vença, qu’importam gemidos,
O campo qu’importa de mortos crivado?

Aqui, nestas angras, ilhéus e ribeiras,
Aqui nestas costas – quem é mais potente?
Quem conta milhares d’igaras ligeiras?
Quem uma marinha possui tão valente?

D’Emboabas não temo esses monstros alados,
Que imensos deslizam nas águas lustrosas –
Conduzam embora os canhões enfumados,
As armas ardentes, que troam ruidosas.

Também tenho peças; de um modo bem raro,
Dos fracos contrários a carga repulso;
Contra eles, nos ombros, conduzo-as, disparo.
Não tremo, não caio, sustento o impulso.

Por vezes têm eles sofrido os embates
Da guerra cruenta, que faço aos inimigos;
Por mim repelidos em muitos combates,
Têm antes querido tornarem-se amigos.

Sou forte e valente – o primeiro na guerra;
Nos prélios sou tigre, um leão n’abordagem;
Meu nome tem fama por mar e por terra;
Guerreiros temíveis me dão vassalagem.

Se ruge o boré, se reboia no espaço –
Quem corre primeiro a lutar denodado?...
Desgraça ao que, fraco, ceder um só passo –
Que, tendo-me à frente, fugir aterrado!

Na frecha ligeira não erro um só tiro
Se vibro o tacape, meu golpe é certo;
No campo dos bravos vingança respiro;
No campo dos livres sou livre guerreiro.

Mil palmas, mil louros, mil tit’los de glória –
São prêmios sublimes que um bravo recebe;
Quem mais os merece nas folhas da história,
Do que eu, que sou bravo – q’sou Cunhambebe!

¹ Cunhambebe era o nome de um célebre índio a quem prestavam obediência todos os outros chefes, seus vizinhos. Foi sempre muito temido tanto dos naturais como dos europeus. O seu domínio estendia-se desde o Cabo Frio até a Bertioga. A sua extensa marinha ocupava todos os recôncavos do litoral, desde a Angra dos Reis até a ilha de São Sebastião. A sua ousadia e temeridade levou-o muitas vezes a atacar e abordar as caravelas, que, artilhadas ou não artilhadas, por ali passavam ou fundeavam descuidadas. Tornou-se tão ousado pelas suas vitórias, que o seu nome era repetido com terror, por toda aquela costa. “Cunhambebe – diz o sr. Varnhagen na sua história do Brasil – já não temia a artilharia, e de tal modo com ela se familiarizou que se contava que havendo-se apoderado de dois falcões, os levava consigo carregados, e sobre os próprios ombros lhes dava fogo em retirada, se era preciso, agüentando ele o recuo.” Eis aqui o fiel retrato desse chefe temível, pelo escritor Thevet, extraído da mesma obra do sr. Varnhagen: “Era Cunhambebe bastante alto, membrudo, e de horrenda catadura; levava furado e com um budoque no sentido vertical o lábio inferior; nas orelhas arrecadas não desproporcionadas, e ao pescoço um colar de búzios em volta dobre, do qual pendia, na dianteira, um grande caramujo. Era de feições grandes e grosseiras: as rugas da frente e das faces descobriam quantas vezes em vida conhecera o perigo a que se arrojava. A expressão do seu rosto podemos dizer que respirava uma melancolia feroz.

O CANTO DAS AMAZONAS¹

Altivas guerreiras,
Valentes e bravas,
Aqui, nestes campos,
Não somos escravas.
Aqui – liberdade –
Só deve reinar –
Que a frente não vamos
A homens curvar.

Aqui, reunidas,
Sem sermos cativas,
De feros contrários
Seremos esquivas;
Se sabem na guerra
Valentes pugnar,
Amores não sabem,
Não sabem gozar.

Fiéis, partilhando
Trabalhos insanos,
A guerra faremos
Aos nossos tiranos;
Se livres nascemos
Da raça Tupi,
Jamais sofreremos
Senhores – aqui.

Nas plagas iberizas
Em que dominamos,
Nação poderosa
Com honra formamos;
Seu nome famoso
Mil glórias terá,
Com pasmo e assombro
Cantado será.

¹ Esta poesia é baseada sobre o mito que se constituiu na América de ter existido uma nação de Amazonas, no rio que ao depois assim foi chamado. Pode-se conjurar que a dura condição em que eram todas as mulheres, desse lugar à revolta de muitas delas, para viverem juntas, e livres do cativo a que eram reduzidas. O sr. Varnhagen, tratando deste ponto na sua importante história do Brasil, diz o seguinte: "Que o fato existiu de algum modo não se nos oferece dúvida, não tanto, porque o narrou Orelhana, porque a notícia chegou às costas do Brasil, através dos sertões." Existissem ou não essas guerreiras caprichosas, a sua tradição é poética, como acontece com todos os mitos. Sobre este ponto escreveu Gonçalves Dias uma extensa memória. É um trabalho importante.

E o largo Amazonas,
Ao longe espumando,
Com fúria medonha
Nas praias bramando, –
Irá repetindo
O nome imortal
Das livres guerreiras
Aqui sem rival.

Na frecha ligeira,
Que os ares perpassa,
Ninguém nos excede
Na luta ou na caça;
Que o digam as aves
No espaço a voar;
Que o digam nas selvas
As feras a uivar!

Se imigos tentarem
Orear nossos lares,
Talar nossos campos,
Formosos palmares, –
Também nós sabemos
Valentes pugnar;
Não há de a ousadia
Impune ficar!.

O amor desses homens
Não pode mover-nos,
Vaidosos, procuram
Somente abater-nos;
Os brios da esposa
Não sabem honrar, –
Amores não sabem, –
Não sabem gozar.

As filhas das selvas,
Das selvas gigantes,
Sorrisos não trocam
Por feros amantes;
Do deus que adoramos
O mimo gentil
Não pode, não deve
Ser mimo servil.

Se os homens não sentem
Eflúvios de amores:
Se negam afagos
Às cândidas flores; -
Aqui nestas plagas
De vário condão,
Mais lindos amores
Os nossos não são?

A lua - mimosa
No lago - tremente;
Da brisa o cicio
Tão meigo, inocente;
A ave que canta
Com terna paixão; -
Amores acaso
Também não serão?

No céu as estrelas,
No prado a florinha,
N'aurora o sorriso,
No bosque a rolinha,
Na fonte o suspiro,
No campo a extensão, -
Que digam se podem,
Se amores não são?

Enquanto existirem
Fieis Amazonas,
Serão sempre as mesmas,
Aqui nestas zonas -
Que livres queremos
Bem livres passar -
Que a frente não vamos
A homens curvar.

AYUARA'

I

Que plácida noite, que noite formosa!
Que estrelas tão puras nos céus a brilhar!
A cândida imagem da lua mimosa
Se espelha, sorrindo, nas águas do mar.

Ciciam as brisas, suspiram de amores,
E as flores do campo perfumam o ar;
E as águas da fonte murmuram saudades,
Saudades qu'inspiram bem meigo trovar.

Se a ave que canta nas horas tardias,
Gorjeia amorosa na agreste soidão, -
Povoam-se os ares de mil harmonias,
Que o eco repete com terna paixão!

Esplêndidos lumes cintilam, vagueiam
Na selva, no campo, no val, n'amplidão;
E as ondas na praia gentis se recreiam,
Quais anjos brincando na etérea mansão.

Que noite! que cena! que doce magia!
Que estrela! que lua de meigo candor!
Inunda-se a terra de imensa poesia,
E a alma se eleva nas asas d'amor.

II

Nessas águas prateadas,
Em que vais na canoinha,
Tem cuidado, ó pescador!...
Na fagueira e doce aurinha,
Nesse brilho que te cerca
Não te fies, prazenteiro,
Qual incauto aventureiro -
Tem cuidado, ó pescador!

¹ Com este nome designavam a mãe d'água, gentil sereia, que, segundo eles, era habitadora dos mares e rios. Os encantos de sua voz eram irresistíveis. Tinha a singular mania de gostar muito de crianças: quantas via, quantas ela atraía aos seus palácios encantados. Pobres mães!... Com o título de - Mãe d'água - Gonçalves Dias, o primeiro lírico brasileiro, escreveu um primor de arte.

Nessas águas murmurantes,
Ayuara é quem domina,
Ela é alva como o lírio,
Como a neve matutina;
Sua voz tem mago encanto,
Quem a escuta, embevecido,
Fica logo possuído
De um frenético delírio.

Os seus olhos vivos, ternos,
São uns olhos tentadores;
Tem do céu a linda cor,
Mas no brilho são traidores.
Seus cabelos são bem louros.
Mas de um louro que arrebatava,
Escraviza, prende e mata –
Tem cuidado, ó pescador!

Bem no âmago dos mares,
Ayuara – a feiticeira –
Tem palácios encantados,
É lá, onde a cantadeira,
Com suas aias formosas,
Faz prodígios de magia;
Reina ali sempre a alegria,
Dão-se casos não sonhados.

Rios, mares, lindos peixes,
Adorando a sua imagem,
Com insólito fervor,
Lhe tributam vassalagem.
Ayuara quando canta,
O céu todo é um sorriso,
Quanto a cerca um paraíso –
Tem cuidado, ó pescador!

Mas quanto, quanto é funesta
D'Ayuara a formosura!
Por um dom mal-permitido
Té das mães rouba a ventura:
Não tem pena da inocência,
Pois, se vê gentil criança,
A sereia não descansa,
Sem que a tenha às mãos colhido.

Meia noite! Já não tarda,
Não tarda o fatal momento
De ser tudo um esplendor,
Maravilha, encantamento,
Nessas águas cristalizadas,
Meia noite! Foge!... é ela!
Não prossigas! tem cautela!
Tem cuidado, ó pescador!

III

Ao brilho do luar lá vai singrando
A leve canoinha bafejada
Pelo meigo aspirar d'aura noturna.
Vai nela o pescador. De quando em quando,
Inspirado, modula ao som do remo
Amorosa canção, que o eco ao longe
Repete n'amplidão serena e bela.
Lá vai, lá vai singrando a canoinha,
Vai nela o remador.

Meia noite!... Que insólita mudança
Sucede àquelas horas de repente!
Um místico silêncio o ar domina –
Silêncio qu'inebria, que endoidece;
A brisa se detém no claro espaço;
Das águas se entrepara o murmúrio;
Cessa a harmonia das noturnas aves.
Meia noite! Ilumina-se o ambiente
De uma luz fascinante, e se perfuma
Em ondas de um aroma embriagante.
Parou de navegar a canoinha,
E nela o pescador ficou imóvel.

Eis, súbito, uma angélica harmonia
Das águas cintilantes vem subindo,
Até que finalmente se difunde
Pela doce amplitude. Ao lume d'água...
Oh! maravilha em sonhos não sonhada!
Aparece uma imagem sedutora,
Mais alva do que a neve, do que o lírio,
Mais bela, mais gentil, mais engraçada,
Que tudo quanto pode imaginar-se.
Da fronte alabastrina, em fios de ouro,
Pelo colo mimoso lhe deslizam
Sutilmente os finíssimos cabelos.

Seus olhos brilham mais do que as safiras,
Há nela um condão irresistível,
Que só fitá-los é morrer de amores.
Incessante nos lábios cor de rosa
Feiticeiro sorriso lhe palpita;
Porém de quantos dons essa formosa
Criatura possui nenhum iguala
A doce melodia do seu canto.
Atraídos por voz tão peregrina,
Para ouvi-la os peixinhos saltitantes
Correm, voam, extáticos ficando
Aos pés da linda fada.

Meia noite! Ayuara então cantava,
Alvas ninfas formando-lhe o cortejo.
Ai! que magia tinha a voz da moça!
Amor, paixão, ternura, encanto,
Tudo nela o descante aprimorava.
Ora gemia como a rola triste,
Brandos queixumes a carpir no bosque;
Ora imitava, suspirando, a frauta,
Que ao longe ecoa maviosa e terna.
Se parecia às vezes que chorava,
Qual gentil menina que, magoada,
Se finge para mais tornar-se cara;
Outras vezes o canto se exprimia
Em notas de inefável alegria...
Ai! que magia tinha a voz da moça!

IV

Pasmado, o pescador na canoinha
Escuta o doce canto d'Ayuara.
Na visão sedutora os olhos fita,
Sem dela os afastar um só instante.
Bem como se atração irresistível
Já de todo o tivesse fascinado.
Suspira o pescador, quanto mais olha
A bela feiticeira, mais vontade
Tem de vê-la, mais fica enamorado.
Nas asas da paixão que o arrebatava,
Lhe bate o coração com violência,

E nas veias lhe pulsa e ferve o sangue.
Fatal vertigem dele se apodera.
Delirante de amor, endoidecido,
A rir e a chorar, nadando em júbilo,
Em sacra adoração cai de joelhos
Aos pés da divindade!

V

Que hora, que instante de mágico efeito!...
Ao canto celeste de tanto primor,
O ar se perfuma, e os lumes etéreos
Cintilam, palpitam nas chamas de amor.

VI

Não pode o pescador vencer o encanto
Para Ayuara se inclina delirante,
E, os braços estendendo se arremessa
Ao trêmulo cristal das águas puras!
Precipitando apenas
Um ledor murmúrio após ouviu-se
De vozes feminis, que pouco e pouco,
Sumiram-se na líquida planície.
Findara o encantamento:
Do pescador porém não mais se soube.

O MEMBIRA¹

Teu pai já não vive,
Querido Membira!
Da tribo Timbira
Foi bravo e temido;
Seu nome estimado,
Por feitos altivos,
Nos cantos festivos
É sempre lembrado.

¹ A mãe dava ao filho esta denominação que quer dizer: "o seu parido" e o pai a de -
Taíra - que quer dizer: "o procedente de meu sangue".

Se o grito de guerra
Nos campos troava –
Ninguém pelejava
Com tanta destreza!...
Não chores, Membira,
Que se ele não vive,
Seu nome revive
Na tribo Timbira.

À luta dos bravos
Quem mais esforçado,
Na ira inflamado,
Qual fera raivosa,
Corria – lá quando
Mil gritos se ouviam,
Mil frechas partiam,
Nos ares silvando?

Tu, quando o perdeste,
Inda eras infante!
Mas ah! s'inconstante,
O fado negou-te,
Roubou-te essa dita –
No campo da glória,
Bradando vitória,
Teu pai ressuscita!

Agora que és moço,
Que o buço te aponta,
E a aurora despona
De um novo horizonte –
Agora, ó Membira,
Minh'única esp'rança,
Confio-te a herança
De um nobre Timbira.

É tua! – Eis as frechas,
E o rijo tacape,
E o rico enduape
De cores formosas –
Por ela, ó querido,
Domina os perigos;
De fracos inimigos
Não caias vencido.

Ramais venerandos
Aqui tens ainda –
Relíquias sagradas,
Que a morte não finda,
Que encerram um nome –
Troféus de um valente,
De um braço potente,
Que o tempo não some!

Empunha estas armas,
São armas de um bravo,
Que a ser vil escravo,
Primeiro com elas
Morrera abraçado –
Com elas, Membira,
Sé digno Taíra
De um nobre legado.

– Alarma! – lá soa,
No campo estrugindo,
E a frecha zunindo,
Lá voa no espaço –
À guerra! – valente,
Não temas a morte,
Confia na sorte,
Co'as armas – ardente!

É tempo, não tardes,
A guerra te chama,
Que o forte reclama...
Enxuga o teu pranto,
Não chora um Timbira –
Se o pai já não vive,
Na herança – revive
Um digno Taíra.

Adeus, ó meu filho!...
Recorda a memória,
Que brilha com glória
Nas armas que dou-te –
De um nobre Timbira!
Teu pai foi um bravo,
Jamais foi escravo...
Adeus, ó Membira!

O GUARANI

Onde estás, ó Tupã, que não falas,
Que não vens minorar nossa sorte?...
Se estes ferros quebrar tu não podes,
Ó Tupã, só queremos a morte!

Nos campos formosos, na terra dos livres,
Nas matas floridas o índio vagava;
E ao brilho dos astros, por entre as palmeiras,
Da relva no leito sorrindo sonhava.

Nem campinas, nem pátria já temos,
Nem guerreiros, – nem mais uma esperança;
Morreremos, oh dor! sem ao menos
Nossa afronta lavar co'a vingança!

Nas horas da sesta, na rede embalados,
Passavam as horas num plácido encanto; –
Então nossa tribo era forte e valente,
Seus feitos de glória causavam espanto!

Mas agora, oh desgraça, oh desgraça!
Maldição sobre nós há caído!
Já não soam as vozes do Piaga...
O Piaga também foi vencido!

Que dias, que noites, que ar tão sereno,
Que brisas, que flores, ó pátria, não tinhas!...
Ai! tenho saudades das virgens de outrora!
Já não temos um chefe guerreiro,
Que nos guie aos combates – agora!

Silêncio de morte domina as florestas
Da pátria formosa, em que vimos o dia: –
Vitória! vitória! – o boré já não canta,
Nem trinam as aves com doce harmonia.

Perseguidos quais feras do mato,
Destruída vai já nossa raça;
E, sem pátria, e sem nome, e sem tribo...
Oh vergonha! oh Tupã! oh desgraça!

Nas horas tardias de umbrífera noite,
No espaço a coruja, tremenda, guinchara;
E o índio, espertando, ai! triste cativo!...
Co'a pátria sonhava – sem ela acordara!

Dessa raça de livres que resta?
Dessa tribo tão brava e tão forte?
– A vergonha – pior que as algemas!
– As algemas – pior que a morte!

O AIMORÉ

Mimosa virgem – sedutora imagem –
Luzente estrela, que meus passos guia...
Ah! quem pudera, merecer-te, um dia,
Fagueiro instante, em que teus olhos vissem
Os meus tão tristes, e também sentissem
O quanto sofro,
Gentil Tupi,
Por ti, por ti!

Evito os meus, e delirante busco
A imagem tua, que me encanta e mata!...
Mas sempre, ingrata!
De mim te esquivas! – nem um sorriso
Em ti diviso,
Gentil Tupi...
Ai! quanto sofro –
Por ti, por ti!

Se além a frecha pelos ares voa;
Se nos combates o boré retroa;
Não mais à luta me arremesso ardente;
Não mais m'inflama o rugitar da guerra;
Porque somente
Me fala – aqui,
Minha alma aflita –
Por ti, por ti!

Se os teus odeio – muito mais te adoro!...
Em ti só penso com celeste anelo,
Que dêes que vi-te – nada vi mais belo!
Por um sorriso – um teu olhar donoso,
Eu dera a vida a teus pés ditoso –
Não mais sofrera,
Gentil, Tupi, –
Por ti, por ti!

Perigos quantos dê do albor d'aurora,
Até que a noite silenciosa cai,
Por ver-te, ó bela, não esqueço agora!...
Quanto mais foges – tanto mais me atraí

A tua imagem,
Gentil Tupi,
Porque só vivo –
Por ti, por ti!

Venham as frechas trespassar-me o peito;
Venha o tacape esmagar-me o crânio!...
Oh! venham pratos, qu' em amor desfeito,
Submisso, escravo – por teu lindo aspecto –

Olhar fagueiro –
Gentil Tupi,
Darei a vida –
Por ti, por ti!

Sou Aimoré! – A minha raça odeias!...
Mas ah! não custa que n'um breve instante,

Querida amante,
Me dês um riso – que por ti, contente,
Os meus deixara, e, bendizendo a sorte,
Sofrera a morte,
Gentil Tupi –
Por ti, por ti!

O CANTO DO CAIAPÓ¹

Quem no mundo haverá que me vença!?
Quem não treme ao ver um Caiapó!?
Quem ousado virá guerreá-lo
Nestes matos, onde ele é rei só?

Quem mais forte, destro do que ele
No tacape ou na frecha veloz?
Quem de susto não pasma sentindo
Nas florestas troar a minha voz?

¹ Alcinha de distinção que davam os nossos índios aos salteadores dos matos.

Quem nas brigas alcança mais louros,
Mais despojos depois da vitória?
Quem ramais tem de dentes imigos,
Que recontem mais feitos de glória?

Estes lindos, imensos palmares
São meu céu, minha pátria querida;
Caiapó outra lei não conhece,
Que a vingança na tribo vencida.

Sou valente, sou livre, e não temo
Esses fracos vilões Tabajaras;²
Faço guerra aos cruéis Emboabas,
Nossas vidas vendemos bem caras.

Caiapó sua frente só curva
Ao terrível Ibag³ tremendo,
Quando irado Tupã desce à terra
Aos mais bravos terror embebendo.

O faminto jaguar e o tigre,
E a feroz suçarema também,
Se nos vêm passar destemidos,
Retrocedem, não passam além.

Quando os gritos não troam de guerra;
Quando a seta nos ares não voa;
E o tacape não vibra os seus golpes;
Nem de mortos o chão se povoa;

Nossos matos têm cenas pomposas,
Que deleitam, encantam, abalam;
Os seus troncos d'ipês monstruosos
São gigantes, que as nuvens escalam.

Linda e bela nos céus passeando
Brilha a lua por entre a ramagem,
E no arroio, entre os troncos manando,
S'espreguiça gentil sua imagem.

Também temos indianas mimosas,
Que nos dão a gozar mil amores;
São amigas fiéis e constantes,
Até mesmo da guerra entre horrores.

² Os que habitavam em aldeias.

³ O firmamento.

I

Na imagem de um frondoso, imenso bosque
De altivos caetés se erguia a taba.
Era noite. No céu, de espaço a espaço,
Mortuários clarões luziam trêmulos;
Das trevas o horror gelava as fibras,
O sítio era medonho a tais desoras.
O vento a remoinhar na mata espessa,
Casando-se co' o frêmito das águas,
Um concerto de vozes produzia,
Semelhante ao das vagas marulhosas.
Mas na taba o silêncio era profundo,
Pelo só rressonar quebrado apenas
Dos guerreiros, sorvendo o sono brando.

II

Além do bosque, pela verde relva,
Sombras moventes tateando as trevas,
Mais e mais se aproximam cautelosas;
Ora crescem quais serpes irritadas;
Ora baixam, velozes caminhando;
Ora, unidas co' a terra se entreparam;
Ora avançam de novo, té da selva
Sumirem-se no seio inculto e bravo.

Mal tinham decorrido alguns momentos,
Quando aquém da floresta aqueles vultos
Surdiram finalmente em grande número,
De cautela redobrando a cada passo.
Ei-los bem perto já, e bem distintos:
São índios, inimigos que respiram
As fúrias da vingança – ódio implacável!
Na mente revolvendo estrago e morte,
Pé ante pé, deslizam pelas sombras,

¹ Segundo o sr. Pinheiro Chagas, a etimologia desta palavra é a seguinte: já = nos e cy = mãe – “nossa mãe”. Era este o nome que os índios davam à lua, astro pelo qual professavam grande veneração. Escolhi pois este nome poético para a protagonista do poemeto a que dei a mesma denominação.

Em direção da taba descuidosa.
Ei-los! Param de novo e põem-se à escuta,
Unido contra o chão o fino ouvido,
Costumado a conhecer os sons longínquos.
Assim que se julgaram bem seguros
De que nada os vedava a audaz empresa
Um deles, qual então sofam sempre,
Extrai de dois gravetos, com presteza,
Na violenta fricção a chama viva,
Que logo, crepitante, comunica
A um certo combustível resinoso.

Empunha o índio altivo o facho ardente,
E, impávido avançando, o espaço mede,
De que possa arrojado com mão certa
Dos caetés na taba sonolenta
O terrível projétil inflamado.
Não vacila, atrás levanta o braço,
E rápido sacode a cumeeira
Das vinganças o ódio incendiado.
Perpassa o vento, ateia, excita a chama,
Que não tarda a romper em labaredas,
Por entre borbotões de negro fumo.

III

Bem como se à medonha luminária
O céu quisesse unir os seus fulgores,
Rompe então com a lua as plúmbeas névoas,
Gentil, fagueira e bela se mostrando.

E o índio traíçoeiro,
Da selva ao internar-se fugitivo,
Deteve-se um instante, e atrás olhando,
Contemplou com satânico sorriso
O rubro incêndio – iluminando a noite!

IV

De repente da taba ardendo em fogo,
Qual tétrica explosão abaladora,
Prorrrompe e se dilata o ar ferindo –
Um rugido feroz, intraduzível!
“Alarma! alarma!” troa horrendo e fero
O estrugidor boré, chamando às armas!

Excitados à vista do perigo,
Os bravos caetés o arco empunham,
As frechas e o tacape temeroso,
Levados pela fúria da vingança,
Nem se lembram dos filhos, das mulheres
À raiva expostos do voraz incêndio.
Sanguissedentos voam; pelo olfato,
Conhecem que o imigo inda vai perto.
Orientam-se, e pelo bosque umbroso,
Desaparecem velozes que nem setas.

V

Ei-las, ei-las enfim as rivais tribos
Para o combate as armas aprestando.
Ardendo em raiva, horrendo espuma o chefe,
E aos guerreiros da taba o exemplo dando,
Soposa, encurva o arco imenso e forte,
A um tempo disparando a frecha aguda,
Que certa se enfia pelo espaço.

VI

O Taíra porém do chefe ousado –
Dos guerreiros da tribo o mais valente,
De todos o mais belo e o mais formoso –
Primeiro que na luta se arrojasse,
Nas asas da paixão buscou amante
Do incêndio retirar a linda virgem,
Por quem de amores morre a cada instante.
Jaci era o seu nome. Tão mimosa
Como a flor ao romper da madrugada;
Tão terna como a rola pudibunda;
Tão pura como a lágrima saudosa;
Jaci tinha somente a forma humana
Era o gênio, a visão mais peregrina
De quantos tem criado a fantasia!
Nem o próprio Tupã formar pudera
Outra Jaci tão bela e tão formosa.
Na cândida expressão seus olhos negros,
Melancólicos, meigos, despediam
O que pode sentir-se, e não dizer-se;
Do suave moreno veludoso,
Que do rosto lhe as faces alindava,

Os leves toques, que o pudor acende,
Refletiam-se tão brandos como as tintas
Da aurora ao despertar do róseo leito.
Ebâneas, longas tranças lhe adornavam
A fronte de beleza sublimando,
E docemente no virgíneo colo
Buscavam descrever-lhe as formas castas.
Corpo airoso, delgado como a jovem
Palmeira, que flexível se balouça
Ao deleitoso arfar das auras tênues...
Oh! nunca assim imagem foi sonhada!
Jaci era Jaci – rival não tinha.

VII

Nos braços a tomou o herói Taíra,
E, do incêndio que a taba consumia,
Levou-a para longe, e foi depô-la
Num tapete de relvas e de flores.
– Adeus! – disse-lhe após. “Adeus querido.”
Lhe torna do Taíra a mão levando
Ao pressago coração, que, em despedida,
Uma lágrima triste desprende-lhe.
O herói lhe deixa ali sua alma em troca,
E da pugna, veloz, ao campo voa.

VIII

Ferve a luta entre as tribos imigas,
E mil setas se cruzam no espaço;
Ferve o sangue na raiva inflamado,
Imprimindo no chão rubro traço.
A vingança somente os transporta
Nos horrores da pugna selvagem;
Cresce o ódio nos golpes que vibram,
Só respiram cruenta carnagem.
Já nos ares as frechas não silvam,
Nas aljavas nenhuma só resta;
Deixam arcos, empunham tacapes,
Mais horrendo combate se apresta.

Aos embates dessa arma temível
Rangem crânios ao rígido corte;
Jorra o sangue tingindo a campina
Tombam corpos lutando co'a morte.

Afinal corpo a corpo se enlaçam,
Braço a braço com unhas e dentes;
Uns aos outros nos ódios se engolem,
São demônios que mordem-se ardentes.

Lavra horror sobre horror na peleja!
E se mais não recresce a matança,
É porque dos caetés vencedores
Foge o imigo à tremenda vingança!

Eis que a lua os fulgores derrama
Nesses campos de sangue inundados...
Que espetáculo! Só jaziam cadáv' res,
Arcos, frechas, tacapes quebrados!

IX

Os caetés, de sangue e pó cobertos,
Regressam do combate aos tristes lares,
E à frouxa claridão do torvo incêndio,
Que lavra inda na taba,
Ligam de pés e mãos as tristes vítimas
Que o ódio destinara ao sacrifício.
Ai! do que não achou gloriosa morte
N'arena do combate! Prisioneiro,
Fendido o crânio, tombara seu corpo –
Horrível pasto de um feroz banquete!

Esperam ansiosos que da noite
A leda aurora espanque o véu umbroso.
Jaci porém, Jaci – a flor mimosa,
Um por um dos guerreiros vencedores
O talhe e o semblante aflita nota.
Mas debalde passeia os olhos tristes
Do Taíra buscando a imagem cara.
Não o via. Onde estava?... O que fazia?...
Teme Jaci do coração pressago
Anuir ao fatal, funéreo anúncio.
De novo torna a amante lastimosa
Co'os olhos a buscar o doce encanto,

Em que presa já tinha a vida sua;
Mas de novo lhe foge aquela esp'rança!
Então solta um tristíssimo gemido,
Que os ecos compungidos repercutem;
Por sua linda face descorada
Cintila, corre o pranto fio a fio;
Delira, desespera na incerteza,
Suspira, corre, pára, chama, escuta.
Um silêncio mortal lhe gela as fibras!
Vencendo o coração na mágoa oprimido,
Que o perigo não teme um amor firme,
Dos guerreiros ilude a vigilância,
E some-se por entre os véus da noite,
No escuro e denso bosque se internando,
Porque se vai da morte ao sítio horrível.

Sublime era de ver-se aquela virgem,
Qual sombra aérea a delirar no espaço,
Amor tendo somente por seu guia!

X

Ei-la enfim já pisando em campo raso!
Ei-la enfim já tocando a torva estância!
Aos olhos de Jaci se desenrola
Vasta arena de lívidos cadáveres,
Em que esvoaçam já sangüíneos corvos,
A tépida carniça espicaçando!

Aflito o coração, revolve, amante,
Os corpos que ali jazem truculentos,
E ao brilho do luar os examina,
Receando encontrar em cada rosto
Do querido Taíra a imagem fria!

Apenas de um cadáver,
De setas trespassado, à virgem resta
Reconhecer o lívido semblante.
Já perdida porém a doce esp'rança,
Prostrada cai ao pé daquele morto,
Em prantos e soluços prorrompendo
Nestas tão magoadas, tristes vozes:

"Meigas brisas murmurantes,
 Doces auras palpitantes,
 Ah! dizei-me em que retiro
 De mim anda tão distante
 O querido, terno amante,
 Por quem triste aqui suspiro.

"Puras fontes peregrinas
 A manar tão cristalinas,
 E vós lindas sensitivas,
 Ai! se vistes meus amores,
 Mitigai tão cruas dores,
 Respondei-me compassivas.

"Rolas brandas, maviosas,
 Doces, ternas, amorosas,
 Escutai meu triste canto,
 E dizei-me se respira
 Ainda o meu Taíra –
 Esse bem que eu amo tanto.

"Aos meus ais agonizantes
 Respondei-me, ecos sonantes
 Dos abismos mugidores;
 Dizei-me n'aura fremente,
 Onde de mim ausente,
 Hei de achar os meus amores.

"E vós, gênios solitários
 Dos Piagas nos sacrários;
 Das montanhas e dos vales;
 Das florestas e dos prados –
 Vinde, vinde apressurados
 Abrandar meus cruéis males.

"Estrelinhas cintilantes,
 Lá no céu também amantes,
 Vede o pranto meu sentido,
 As pungentes mágoas minhas!...
 Ensinai-me, ó estrelinhas,
 Onde está meu bem querido.

"Ó lua, lua formosa,
 Virgem cândida e mimosa
 Olha, vê; minh'alma expira!...
 Num reflexo teu brilhante,
 Restitui-me o terno amante,
 Restitui-me o meu Taíra."

XII

E a cândida lua num pálido raio
 Da virgem responde ao lamento tristonho;
 Do morto sangrento no gélido vulto
 Jaci reconhece o amante estremoso.

Oh! noite funesta – mais ímpia que a morte!
 Oh! transe indizível de uma alma tão bela!
 Debalde os seus olhos procuram mentir-se,
 Mentir-se não podem, que o sente a donzela.

Ao morto se abraça na dor transportada,
 E, geme e soluça, beijando o amante!...
 "Taíra, Taíra – diz ela expirando –
 Té mesmo na morte hei de ser-te constante."

XIII

E pouco a pouco foi a lua se ocultando
 Num manto lutuoso;
 Das estrelas o brilho desmaiava,
 E da morte naquela vasta estância,
 Lugubrememente os ecos repetiam
 A história infausta da gentil Jaci.

SETE DE SETEMBRO

Liberdade gentil, mil vezes salve!
 Salve sem peias devassando os ares
 Espancando os bulhões!
 Salve nos paços de opulentos sátrapas,
 Salve na choça humilde do operário,
 Salve até nas prisões!
 (L.N.E.Varella)

Na terra dos Tupis envolta em luto,
 Uma noite aflitiva se estendera!
 Não luzia um só astro n' amplitude,
 As aves não cantavam em seus bosques,
 E a terra, pelo orvalho, parecia
 Fio a fio chorar pelas palmeiras.
 Vasto, imenso túmulo presentava
 No aspecto o solo ingente desta América.
 Já o índio como outrora, valoroso,
 Pelos campos não sorria ao sol da pátria,
 E nem mais d'eco em eco pelos vales
 Restrugia o boré chamando à guerra;
 Já com válido esforço disparada
 Os ares não cortava a frecha aguda;
 Já do sacro Piaga não se ouvia
 O canto em que falavam deuses pátrios;
 Nas tabas do Tupi silenciosas
 A tristeza o seu manto desdobra;
 As lindas poracés tinham cessado,
 E o maracá de todo emudecera.
 Dominava o silêncio em toda parte,
 Silêncio que oprimia um povo inteiro,
 Silêncio que o gemido entrecortado
 Da triste brisa apenas acordava!

Como tudo na terra se transmuda!
 Na branda rede,, à noite, à luz dos astros,
 E, livre, respirando auras nativas,
 Adormecera o índio descuidoso,
 Com a glória a sonhar dos seus maiores...
 Desgraçado! Contente adormecera
 Para escravo acordar lavado em prantos!
 A seus pés arco e frecha espedaçados,
 Cativo contemplou, pendida a fronte, -
 Cativo desprendeu agro lamento.

II

"Adeus campos da pátria formosos!
 Adeus festas de mago prazer!
 Adeus lagos, montanhas e rios,
 Ai! adeus, vou cativo morrer.

"É só livre que o filho das selvas
 Pode alegre na terra viver;
 Foi assim que o Tupi foi criado
 Neste solo, em que a luz viu nascer.

"Possa a morte matar-me p'ra sempre,
 Já que a pátria não posso mais ter;
 Já que livre não posso nos campos
 Como outrora ditoso correr.

"Anhangá pelas trevas da noite
 Traíçoeiro nos veio prender;
 Adeus tudo o que amei neste mundo,
 Ai! adeus, vou cativo morrer."

III

Mas o filho das selvas se calara,
 Quando atônito ouviu uma voz bela,
 E, após, circunvagando os olhos tristes,
 Viu diante de si gentil donzela.
 "Silêncio! - diz-lhe a bela num sorriso,
 Enxuga esse teu pranto. A liberdade
 Sou que um Deus imenso envia aos povos,
 Para erguê-los do pó à heroicidade.
 Sucedam-se no tempo embora os séculos,
 E mil povos, nações caíam por terra
 Não se afoga no caos a liberdade,
 Porque no seio eterno vida encerra.
 À minha voz potente aos oprimidos
 Se quebram as cadeias, sem demora;
 Como o Lázaro Cristo, eu digo a um povo:
 Levanta-te, e caminha!... és livre agora!

IV

E o triste cativo, que a morte invocava,
 À doce harmonia se ergueu dessa voz;
 E a luz que da pátria no céu rebrilhava,
 A treva assombrosa fugir viu após.
 À aurora risonha que bela surgia
 Trinavam as aves seus cantos de amor;
 A flor na campina gentil renascia,
 Sorria a natureza com mago esplendor.

E os filhos do solo – da terra dos bravos
Altivos quebravam o jugo servil;
E à deusa dos livres que vinga os escravos,
Um trono elevou-se no jovem Brasil.

E aos raios ardentes do sol do Cruzeiro
Desfralda-se aos ares sublime pendão –
O símb'lo sagrado de um povo guerreiro,
De um povo brioso – de heróica nação.

Fulgura hoje ovante, na história dos povos,
O nome da terra dos bravos Tupis;
Conquista a bravura lauréis sempre novos,
Troféus gloriosos, e c'roas gentis.

Na terra da esp'rança – de um povo gigante,
Seu grande porvir não é dado traçar;
A glória a seu lado, eis brada-lhe: Avante!
E avante o Brasil há de sempre marchar.

V

Heróis da pátria, heróis da liberdade,
Surgi, surgi das tumbas poeirentas,
Quebrai da morte os selos – neste dia.
Vinde um hino entoar à independência
Que deste a um povo imenso, em cujo seio
Rebrilha ardente a chama do heroísmo.
Eia! rompei o gélido sudário
E da pátria saudai o natalício!
Por vós foi neste dia memorável
Que, remido, bradar soube este povo:
Abaixo a escravidão, quem livre nasce,
Livre morre abraçado à liberdade! –
Salve, Brasil! És nobre, és grande, és forte,
Por ti vela o Eterno – Avante! avante!

epecê
EDPUCRS



Publicações periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Boletim informativo - *mensal*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa - *Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS, Brown University e Ed. Mercado Aberto - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Sem periodicidade
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Sem periodicidade
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – *Quadrimestral*
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **ODONTOCIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia- *Semestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA DA FAMECOS**
Revista da Faculdade de Comunicação Social - *Semestral*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Sem Periodicidade*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina - *Anual*